

## Doze anos em Revista. Desafios em três tempos nas páginas da ANPHLAC

Hernán Ramírez\*

Como nunca antes a máxima *Publish or perish* é tão atual, também como nunca proliferaram as publicações acadêmicas, para canalizar um caudal de contribuições que não param de crescer e se diversificar. Dossiês, artigos, resenhas de livros novos e clássicos, notas de pesquisa, acervos e eventos, entrevistas, análises bibliográficas, dentre outras produções, formam parte desse cada vez mais intrincado panorama editorial. Fenômeno alentado por órgãos que promovem a ciência e também pelo próprio desenvolvimento tecnológico. A era digital barateou os custos de edição uma vez que encurtou a distância entre os editores, os autores e o público.

A ANPHLAC percebeu rapidamente esse potencial e já em 2001 lançou o primeiro número de sua *Revista Eletrônica*, cujo nome trazia inscrita a nova tendência. Não pretendo louvar tal feito, apenas fazer essa constatação, que pode ter muitas explicações, que vão desde as dificuldades financeiras da Associação, impedindo sua veiculação impressa, passando pela dispersão de seu quadro societário, até chegar ao caráter universal do seu público. Esta foi certamente uma novidade, mas, as inovações são feitas para contornar pontos fracos.

Apostar na inovação pode ser motivador, mas nos submete a duros desafios, e estes foram assumidos por nossa Associação e levados adiante a plenos pulmões. Talvez por causa da precocidade da proposta, os resultados não foram aqueles desejados inicialmente. Inovações antes do tempo penam para se firmar. Ainda existia certa apreensão em abandonar o papel, o caráter etéreo da internet trazia o medo de se perder tudo de repente, os órgãos de avaliação e pesquisa priorizavam, naquele momento, as revistas no seu formato impresso, circunstâncias que conspiraram contra a rápida decolagem da publicação.

Lançado em 2001, o primeiro número da Revista trazia um retrospecto da ANPHLAC, uma carta de intenções e um estado da arte da produção local em História da América, mais ou menos o que este dossiê também se propõe. Nele, colaboraram

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Pós-doutorado no Instituto de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ) e Professor Pesquisador da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: hramirez1967@yahoo.com

várias das fundadoras: Philomena Gebran, Heloisa Jochims Reichel, Maria Ligia Coelho Prado e Francisca Nogueira de Azevedo, com a colaboração de Flavia Greco. Aquelas que deram vida a nossa Associação aventuravam-se novamente e engendraram mais um fruto, manifestando sua paixão a toda prova, como demonstra o fato de Ligia, próximo ao vigésimo aniversário da entidade, ter assumido sua secretaria.

O segundo número, com seis artigos, quase correspondeu ao que é, a rigor, uma revista acadêmica, embora evidenciando ainda as fraquezas características da área. Das colaborações publicadas, apenas uma era internacional, um peruano mais precisamente, com mestrado no Brasil e que aqui se radicaria, e a metade dos textos tinha temática vinculada a aspectos historiográficos brasileiros.

Essa seria uma matriz comum, que se repetiria por vários números, embora fosse visível a preocupação constante por qualificar a Revista. O terceiro volume, apresentado por Heloisa Reichel, continha a tradução de um artigo de François-Xavier Guerra, como derradeira homenagem diante da sua prematura morte, outros sete artigos e uma resenha, a primeira escrita por Maria Cristina Bohn Martins.

O ano de 2004 marca uma interrupção, embora passageira, na edição da Revista, evidenciando assim as dificuldades que na época atravessavam os veículos dedicados integralmente à produção em História das Américas, provas de fogo, enfrentadas pela maioria das publicações e que, se superadas, pressagiam longa vida, como de fato aconteceria.

O número seguinte, coordenado por Gabriela Pelegrino, apresentou uma nova plataforma, propondo, pela primeira vez, um dossiê, com cinco artigos, dedicado ao “Ensino de História das Américas no Brasil e na América Hispânica, no âmbito das escolas e universidades”, inquietação que acompanha a ANPHLAC desde seus primórdios. A ele se somaram um artigo livre e uma tradução. Apesar das intenções, houve uma regressão para certo localismo, dado que não se registrou a presença de nenhum autor estrangeiro, embora se note uma preocupação em publicizar, também pela primeira vez, um agradecimento aos pareceristas que colaboraram com aquele número, o que indica a preocupação da equipe editorial em qualificar a avaliação dos textos recebidos.

Jaime de Almeida coordenou as atividades do quinto número, igualmente aberto com um dossiê, nesse caso tratando das “Representações e imaginário político nas

Américas”, contando com quatro artigos, além de outras duas colaborações e uma resenha. Como o anterior, este também não teve participação internacional. A nota particular foi dada pelo artigo de José Gaspar Bisco Junior, intitulado “Nas trincheiras da mídia: a utilização da internet na divulgação do EZLN”. Além de colocar de manifesto uma das preocupações que virou febre entre os estudantes latino-americanos, ocupava-se de outra menos passageira, como a internet, com a qual tivemos que aprender a conviver e sobre a qual ainda temos poucas armas para domesticá-la, embora já comecemos a nos preocupar com os efeitos por ela provocados, como acontece com o dossiê atual, no qual colaboramos, em que também se inclui um texto de Antonio Carlos Amador Gil, tratando precisamente desse assunto.

No sexto número, coordenado por Tânia da Costa Garcia, o dossiê dedicou-se à “História e Arte nas Américas”. Contou com cinco colaborações as quais se somou outra avulsa. O caráter internacional ocorreu pela participação de Tzvi Tal, argentino-israelita especializado em Cinema.

O volume subsequente refletiu uma lenta virada ocorrida desde o Encontro, celebrado no ano de 2002, em Belo Horizonte, ao incorporar os Estados Unidos como área de interesse de nossa Associação, o que se cristalizaria na Revista em seu sétimo número, coordenado por Mary Anne Junqueira, que adotou o país como tema do dossiê, contendo cinco artigos e duas resenhas. Apesar da temática, nenhuma colaboração internacional se registrou.

Como prelúdio do longo ciclo comemorativo, de diversas espécies e para todos os gostos, que se alastraria pela América Latina a partir de 2009, o oitavo número, coordenado por Stella Maris Scatena Franco, apresentou o dossiê “Memória e comemorações: história e historiografia nas Américas”, contendo cinco artigos, aos quais se somariam outro e mais três resenhas. Novamente notamos a ausência de participações estrangeiras, sintoma que estava se tornando estrutural e preocupante, como nos mostra o fato de que, das 187 comunicações enviadas para as mesas redondas do X Encontro, apenas seis fossem de origen internacional, correspondendo três delas a pesquisadores argentinos, enquanto as outras eram de um colombiano, uma mexicana e um peruano. Tal panorama não é condizente com uma área que precisa, tanto quanto de ar, do diálogo com pares de outros países.

O sinal de alerta foi dado e no IX Encontro, acontecido em Goiânia, no qual se

realizaram intensos debates que definiriam novos rumos para a Revista. Sabíamos que deveríamos nos adequar aos moldes cada vez mais exigentes da CAPES, a migração para um novo sistema e pequenas alterações estavam no horizonte, mas ainda persistiam certos temores e a semestralidade parecia algo utópico.

Nosso principal problema estava no suporte, pois, no momento em que escrevo, a Revista, contando com apenas 12 anos e 11 números editados, opera sob três plataformas diferentes. A primeira, na realidade, é um documento único, em PDF, para todas as colaborações; a segunda com um sistema próprio e, a terceira, na plataforma do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), versão customizada às necessidades locais do *Open Journal Systems* (OJS), que tem se convertido numa das mais usadas para esse propósito, para alívio de editores e pesquisadores que já o domesticaram, ou quase. Por isso, um dos desafios da próxima Diretoria e do novo Comitê Editorial será o de reunir tudo isso num único instrumento de divulgação.

A escolha por esse sistema era sedutora, por ser de acesso livre, trazia conforto às finanças da associação, era conhecido pelos brasileiros, podia ser operado com delimitação e divisão de funções, era de fácil indexação, tedioso processo que encaramos com certo sucesso. Como se vê, apresentava inegáveis vantagens, mas, ele não vinha desacompanhado de ônus. Além da rigidez estética, que não se deixa customizar à vontade, mas que pelo menos permite incorporar a bela imagem de capa que nos acompanhou nos primeiros números, tampouco é imune ao fato de que a internet tem se revelado uma voraz consumidora da memória. Em inevitável paradoxo, em se tratando de uma publicação de história, facilmente deletamos dados preciosos sem nos preocuparmos com a sua preservação. Nesse quesito, a nossa Revista ainda fica devendo e, nos próximos números, teremos que nos preocupar com esses “detalhes”, que para nós são obrigação e colocarmos os dados da edição, na íntegra, nos quais se incorporem os membros dos Conselhos e, porque não, dos pareceristas, para também deixar explícita a lisura dos procedimentos.

Em tal sentido, no intuito de reposicionar a Revista nacional e internacionalmente, reformulamos a composição de seu Conselho Consultivo, convidando a participar, pesquisadores de todas as regiões do Brasil e também do exterior. Desejamos que suas presenças avalizem essa guinada, ajudando-nos a enfrentar os novos desafios.

Apesar de todos esses avanços, a periodicidade semestral ainda parecia algo inatingível. Mas, um fato insólito aconteceu, o esforço de Mariana Villaça, coordenadora do dossiê “Cultura e Autoritarismo nas Américas”, que correspondia ao décimo número, após o crivo dos pareceristas, foi recompensado com uma safra de artigos suficientes para que também se editasse outro volume, que viria a ser o décimo primeiro, contando com o dossiê “História e violência; discursos e identidades”. A surpresa não pararia por aí, ela também se deparou com o fato de que 6, dos 13 artigos selecionados, correspondiam a autores estrangeiros, todos argentinos.

Concomitantemente a alcançar a publicação semestral, também dávamos o primeiro passo para a internacionalização, convertendo a Revista, de fato, numa publicação bilíngüe, realidade que se confirmou com a chamada para o dossiê do número em curso, que conta com 6 artigos internacionais entre os selecionados, também todos argentinos, o que parece confirma que essa não é apenas uma moda passageira.

O décimo-segundo e o décimo-terceiro número (respectivamente, “Intelectuais, identidades e discursos na América Latina no século XX” e “Intelectuais, nações e identidades nas Américas – século XIX e início do XX”), foram coordenados conjuntamente por Maria Elisa de Sá e Fernando Luiz Vale Castro. Para estes números foram submetidos 43 artigos, dos quais 27 foram finalmente aceitos, circunstância que parece se repetir para o décimo-quarto volume, coordenado por quem vos escreve, e que apresentará como dossiê uma discussão sobre “Conceitos, debates e tendências historiográficas nas Américas”, na esteira das comemorações dos 20 anos da ANPHLAC, e também com o intuito de pensar acerca dos caminhos trilhados e por trilhar em nossa área.

Sem que se deva unicamente às nossas iniciativas, essa calorosa acolhida nos apresentou dois fatos inusitados. Teremos que gerenciar um alto número de artigos, assim como uma participação internacional expressiva e constante, estes, à par de nos alegrar, demandam um grande contingente de pesquisadores, versados em diversas problemáticas, para atuarem como pareceristas, aos quais, diga-se de passagem, precisamos agradecer por colaborarem prontamente com nossas demandas, garantindo a qualidade e a periodicidade da Revista.

O alto fluxo de autores estrangeiros registrado nos últimos números abre uma enorme possibilidade, justamente num momento em que se exige a internacionalização.

Mas, para poder usufruir disso sem deixar passar a oportunidade, deveremos interpretar corretamente esse dado.

Desagregado, ele nos revela algumas curiosidades, proporcionalmente ao tamanho da sua população, as colaborações argentinas são superiores às de brasileiros, o que também pode espelhar características próprias do campo acadêmico daquele país. Embora desejada, essa presença não decorreu de uma estratégia planejada pela Revista, devendo-se em grande parte a razões exógenas, tanto ao campo da História brasileira, em geral, quanto da nossa área em particular, como fica evidente neste sucinto comentário.

A *Revista Brasileira de História*, da Associação Nacional de História (ANPUH), que é tida como marco local, não publicou nenhuma produção de colaborador estrangeiro no seu segundo número de 2011, último que temos como referência.

Essa descoberta me levou a fazer uma rápida pesquisa no Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), concluindo que, na Área de História, das 39 publicações compreendidas na categoria de excelência internacional (A1), apenas uma revista latino-americana, nesse caso da Argentina, está contemplada, pertencente às Relações Internacionais; em contraposição, 9 são editadas no Brasil, o que equivale a quase 25 % do total; no estrato imediatamente inferior (A2), tal constatação se repete, de 82 publicações, só 2 são latino-americanas, uma da Colômbia e outra do México; sendo que 21 desse total pertencem ao Brasil, porcentagem ligeiramente superior a 25 % do total. Assim, na nossa área, registra-se, uma sobre-representação desta última, a menos que pensemos que realmente exista um abismo entre a produção historiográfica brasileira e latino-americana.

Essa não é uma crítica fácil aos sistemas de avaliação, ao contrário. Que a Revista registre uma alta porcentagem de autores argentinos obedece, em essência, ao fomento à publicação em veículos estrangeiros que exercem seus órgãos de pesquisa e avaliação superiores. O fato de ter acabado, no Qualis da CAPES, a distinção entre revistas internacionais, nacionais e locais foi positivo para as publicações brasileiras, mas parece não tê-lo sido para as internacionais, ao menos na área de História, para veículos que obedecem a dinâmicas diferentes, próprias das suas realidades locais.

Se o imperativo de épocas passadas foi o do combate à endogamia, seguramente a internacionalização, em múltiplos sentidos, o será da era vindoura. Os latino-

americanistas, de todas as latitudes, têm que dialogar e a Revista da ANPHLAC pode se transformar num dos instrumentos para viabilizar esse diálogo, mas, igualmente, aqueles que pesquisamos sobre essa região, desde o Brasil, temos que conquistar o direito de sermos justamente avaliados quando nos aventuramos a publicar em periódicos de outras latitudes da América.

Como vemos, as publicações refletem muitas das características de seu campo acadêmico, razão pela qual uma análise da nossa Revista, dessa perspectiva, pode oferecer outros indicadores preciosos, não apenas para repensá-la, mas para entender também a dinâmica da área e de como melhor inseri-se nela.

Outra das características nacionais é a da concentração regional. Tendo como exemplo os números já publicados, 10 a 13, observa-se que a coordenação de números e dossiês tem se centralizado na região sudeste, notadamente no estado de São Paulo, com alguns deslocamento para a região Sul e Centro-Oeste. Os pesquisadores que os organizaram pertenciam à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), à Universidade de São Paulo (USP), em duas oportunidades, à Universidade de Brasília (UnB), à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), com sede em Franca, à Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP), com sede em Guarulhos, em três números, ao Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e outro por mim, pesquisador da UNISINOS.

Não obstante a dispersão institucional seja desejada, a Revista ainda está presa à região sudeste. Os desafios futuros estão precisamente em desprendermo-nos dessas amarras para continuarmos com o processo da necessária internalização da pesquisa nas Américas, expandindo o raio para as diversas regiões deste Brasil continental, que disso necessita urgentemente, como têm demonstrado a falta de candidatos formados e especializados na área em vários dos concursos abertos recentemente.

A ANPHLAC tem demonstrado um espírito pedagógico extraordinário, até mesmo militante, diria. As preocupações com o ensino a acompanham desde sua fundação, o que também se transferiu para a Revista. Os artigos que são submetidos passam por um acurado processo de seleção, que, além da publicação, visa o aprendizado de todos os agentes envolvidos, em particular dos autores. Quaisquer que forem as decisões, eles recebem como retorno avaliações que ajudam a corrigir ou a

confirmar os rumos da pesquisa, uma vez que os textos ganham muito em qualidade com a contribuição de especialistas que lhes aportam suas perspectivas e conhecimentos.

A contribuição da Revista para o diálogo será ampla, dado o crescimento constante do número das contribuições enviadas e as finalmente publicadas estão em alta constante, tendo recebido 43 colaborações na chamada de início de 2012, das quais 22 foram aceitas. Fazendo uma progressão simples, podemos afirmar que em apenas um ano a Revista receberá mais colaborações do que em toda a sua existência.

Esse salto quantitativo também teve correlato qualitativo. Pouco a pouco as abordagens centradas no Brasil, tangenciando uma perspectiva americana, têm sido mais esparsas, sendo substituídas por outras temáticas tratando mais amplamente na área, não se fixando apenas em perspectivas locais. Paulatinamente, estamos conquistando nossa autonomia, a qual, novamente, não se deve apenas às nossas ações como Associação, mas principalmente aos avanços tecnológicos que permitem fazer pesquisas sobre paragens distantes sem sair do conforto do lar. Nesse quesito, a Revista também está aquém do que pode oferecer. A incorporação de uma seção com notas de pesquisa, acervos e fontes pode ser de grande utilidade para os que se iniciam nessas lides.

Na análise mais aprofundada, observamos que foram publicados 56 artigos sobre problemáticas variadas. Ali estão os que discorrem sobre política, pensamento, movimentos sociais, arte, cultura em geral e personalidades, mas nenhum deles se deteve na economia. Esse dado também corresponde ao que nos fornecem as colaborações enviadas para o X Encontro, sem que registremos nenhuma pertencente a essa temática das 187 comunicações inscritas. Se a Revista tivesse sido publicada e o Evento acontecesse nas décadas de 1960 e 1970 a realidade seria muito diferente, quem viveu naquela época o sabe muito bem.

Essa mudança é decorrente de um longo processo, que no Brasil calou muito fundo, mais do que na Argentina e no México, e atinge à História como um todo, como nos revela o fato de que ela está praticamente ausente dos Simpósios Nacionais da ANPUH e até dos currículos dos cursos regulares, apesar de que ainda subsistam algumas poucas pós-graduações que a têm como área de concentração.

No pós-guerra, a hegemonia econômica, política e acadêmica norte-americana e

européia marcaram profundamente o nosso campo. As preocupações pelos aspectos econômicos cederam espaço às questões culturais, talvez porque nos capitalismo avançados as inquietações naquele âmbito não fossem muitas, pois viviam um raro momento dourado, emendando uma bolha na outra, imprimindo rios de dinheiro, rolando suas dívidas a mais não poder, ao mesmo tempo em que aumentavam sua distância em relação aos outros países. As tensões políticas também diminuíram ao ponto de que velhas feridas fossem esquecidas, mas talvez não totalmente cicatrizadas. A Velha Europa, que tinha incubado nazismos, fascismos, franquismos, salazarismos, exportava agora a democracia.

Em contrapartida, a outrora ativa América Latina, que tinha incubado movimentos emancipatórios exemplares e linhas de pensamento singulares, passava a se envergonhar diante das atrocidades cometidas pelas suas ditaduras, das mazelas que provocava a sua desigualdade, da fraqueza da sua economia e da fragilidade da sua ciência.

Depois de acabar com Caliban, Próspero parecia ter vencido Ariel. Por um instante cristalizou-se um estado particular da História, que legitimava seus intérpretes, entre os quais os latino-americanos não tínhamos lugar, apenas nos estava permitido emular. Por isso, a nossa ciência também sofreu desse trauma, de alguma forma, nós também nos sentíamos culpados por esse fracasso e a nossa palavra tinha perdido valor, só era apreciada aquela que emitia os sons considerados adequados.

De todo modo, sabemos que os paradigmas não são imutáveis e, se bem possuem alguma independência em relação ao processo geral, eles estão em relação ao que acontece em diversas esferas. O pensamento pós-moderno tinha nascido no vazio existencial que deixava uma Europa sem contradições evidentes, mas isso, precisamente, provocaria sua derrocada. A economia, antes menosprezada, teve a sua revanche e, hoje, o que parecia ser um sonho perpétuo se desvanece no ar. As bases da sua prosperidade ruíram e a crise bate às portas da Velha Europa. A cartilha sacralizada ficou inerte e não dá respostas aos novos desafios que se colocam.

De imediato ficamos órfãos de certezas, de modelos consagrados, momento que pode ser propício para repensar-nos, para reavaliar o nosso passado, seja tanto de historiadores como de latino-americanos. As casualidades nos levaram a que os últimos três dossiês apontem nessa direção. Pode ser que o contumaz acaso se case

inexplicavelmente com as necessidades do momento, mas, pode ser que seja reflexo de algo mais profundo.

Paulatinamente, América Latina se liberta dos seus lastros mais sombrios, voltando a ter motivos para se orgulhar. Consolidou democracias próximas que já duram três décadas, resolvendo seus problemas regionalmente e passando a remexer em seu passado para dar conta das feridas mais profundas; não está envolta em conflitos de magnitudes, sendo exemplo de não beligerância; o crescimento de uma década ainda não resolveu seus problemas estruturais, mas nos levantou da prostração; a submissão ao imperialismo cedeu a intentos de integração regional autônomos; e variados setores sociais ganham voz e representação.

Não obstante esses avanços gerais, dentro da nossa área eles parecem insuficientes. Como demonstrado, a integração acadêmica ainda é precária, produto menos da falta de oportunidades do que da vontade de transpor barreiras, e ainda estamos presos a certo empirismo localista com poucas interpretações que se animem a pensar os grandes marcos, inclusive historiográficos.

Para ter vida longa e frutífera, tanto o pensamento, quanto as associações de intelectuais e seus veículos de divulgação têm que se recriar continuamente. A Revista da ANPHLAC tem percebido que esse é o caminho, sempre inquieta e, apesar das crises, das lacunas, das limitações, está fazendo a sua parte, para divulgar os estudos daqueles que acreditam que vale a pena continuar pensando e escrevendo sobre a nossa América.